

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

MOUZART GUIMARÃES DE MELO

**NOS SERINGAIS DA AMAZÔNIA (1890-1920): O DRAMA HUMANO
NO ROMANCE “ANDIRÁ” DE PAULO JACOB**

**PARINTINS-AM
2019**

MOUZART GUIMARÃES DE MELO

**NOS SERINGAIS DA AMAZÔNIA (1890-1920): O DRAMA HUMANO
NO ROMANCE “ANDIRÁ” DE PAULO JACOB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) para a obtenção do título em Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Xavier de Medeiros

**PARINTINS-AM
2019.**



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS CESP/UEA

Ata de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de
Licenciatura Plena em História da Universidade do Estado do
Amazonas

Aos treze dias do mês de dezembro de 2019, no Laboratório de História, no Centro de Estudos Superiores de Parintins, localizado na Estrada Odovaldo Novo s/n, realizou-se a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: **NOS SERINGAIS DA AMAZÔNIA (1890-1920): O DRAMA HUMANO NO ROMANCE "ANDIRÁ" DE PAULO JACOB** do (a) acadêmico (a) Mouzart Guimarães de Melo. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profª Drª Mônica Xavier de Medeiros/UEA (presidente/orientadora), Profª Drª Gleidys Meyre da Silva Maia/UEA e a Profª Msc. Patrícia Regina de Lima Silva/SEDUC/IFAM. O (a) presidente (a) da banca examinadora deu início à sessão e informou sobre o procedimento do exame. A palavra foi facultada ao acadêmico para apresentar uma síntese de sua pesquisa e responder às perguntas formuladas pelos membros da Banca Examinadora. Após apresentação e arguição pelos membros da Banca Examinadora, esta se reuniu e deliberou que o TCC em questão foi APROVADO. A sessão foi encerrada. Eu, Mônica Xavier de Medeiros (orientador/presidente (a) da Banca) lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos membros da Banca Examinadora e pelo (a) acadêmico (a).

Parintins, 13 de dezembro de 2019

Banca Examinadora	Notas
 Mônica Xavier de Medeiros (Presidente)	10.0
 Gleidys Meyre da Silva Maia (Membro)	9.0
 Patrícia Regina de Lima Silva (Membro)	9.0

Média Final: 9,3

Mouzart Guimarães de Melo / Acadêmico (a)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, e sempre, agradeço a minha guerreira mãe Edleuza Guimarães, que é meu porto seguro, meu amor, a melhor pessoa do mundo e que sempre me apoiou em tudo na minha vida. Agradeço a minha noiva, a Msc. Helciane Coelho, que durante toda a graduação, mesmo longe, nunca me abandonou e sempre me incentivou de várias formas a seguir em frente. À Prof. Dr. Monica Xavier pela fundamental orientação e paciência nos últimos três períodos de curso e sem a sua ajuda esse trabalho não seria possível. Ao prof. Msc. Arcangelo Ferreira, o meu “pai” no curso de História, com quem dividi nesses quatro anos de curso a paixão pela literatura e que me ajudou a deixar de ser o leitor medíocre do início de curso. A todos os demais professores que passaram pela nossa turma His16, pois todos foram importantes para as transformações que acarretaram não apenas em mim, mas também nos demais colegas do curso. Ao meu “irmão de outra mãe” Prof. Dr. Estevan Bartoli, que a mais de 9 anos compartilha comigo o seu conhecimento e o amor pelo Rock n’ Roll, uma verdadeira influência e referência na minha vida, e juntos no nosso BodóHell, aos trancos e barrancos, contrariando muita gente, deixamos marcado o nosso nome na história musical do interior do Amazonas – mas ainda estamos só no começo, se tá ruim é por que ainda não acabou... Minha profunda gratidão ao meu grande amigo prof. Dr. Geraldo Magela Junior, que com o grupo de estudos d’O Capital causou o impacto necessário para superarmos as aparências e trivialidades da sociedade e das ciências sociais. Com a sua ajuda alguns colegas de curso, juntamente comigo, “sacamos” a luta de classes e o motor da história. Agradeço de mais aos meus camaradas da nossa turma His16, que conviverem e lutaram diariamente comigo nesses 4 anos de curso. Em especial agradeço aos meus amigos “Dinos”: Kássia, Felipe, Vanda e Elen; aos meus camaradas de reuniões esporádicas do “Sindicato do Mal”: Arthur (meu parceiro de todas as horas!), Guilherme, Anderson e César (o que é a vida, heim...); e aos meus parceiros de dias de jogos do meu Vascão, a turma do VasHis16: Marcos, Matheus e Lincon.

Enfim, a todas e todos que me apoiaram e me ajudaram de alguma maneira nessa caminhada até o final da graduação...

“...pois o futuro nos pertence!”

RESUMO

O presente artigo é resultado de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Licenciatura em História e tem como objetivo realizar uma análise das relações socioeconômicas do período histórico definido como o primeiro ciclo da borracha na Amazônia, usando como fonte a obra literária “Andirá” de Paulo Jacob. Em uma perspectiva da história vista de baixo, os temas analisados partem do mecanismo de dependência econômica do capital estrangeiro até as relações sociais no interior dos seringais, nas cidades do interior do Amazonas e na capital Manaus, onde se concentrava a riqueza produzida na região. O romance, aqui usado como fonte fecunda, nos mostra ser um universo rico que capta profundamente o drama humano durante a crise do período estudado. Para além, o presente trabalho possui como proposta conhecer de maneira um pouco mais consistente a obra do romancista Paulo Jacob ainda hoje pouco divulgado na região amazônica, contudo premiado a nível nacional. Na década de 1960, o romancista e também jurista Paulo Jacob, mesmo figurando como parte da elite política e econômica do Amazonas, mostra nas páginas de “Andirá” a exploração e violência que a classe dominante, pautada na economia da borracha, exercia sobre os trabalhadores. A análise de temas mapeados dentro da fonte literária, nos mostra indícios dos problemas em decorrência das condições sociais no ciclo econômico estudado.

Palavras chaves: Ciclo da Borracha. Andirá. Paulo Jacob. Literatura.

Ao anoitecer, no instante opressivo da passagem, para as sombras, subia dos pântanos um turbilhão de pernalongos carniceiros, e uma branda exalação de merda humana, cálida e triste, revolia no fundo da alma a certeza da morte.

García Márquez

Até quando iremos culpar os pobres pela sua pobreza, pretensa falta de esforço ou iniciativa, sugerindo indiretamente que a riqueza dos ricos resulta de dedicação e merecimento?

Ladislau Dowbor

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CONJUNTURA ECONÔMICA E SOCIAL DA PRODUÇÃO DA BORRACHA .	10
2 A LITERATURA NA HISTORIOGRAFIA	12
3 BIOGRAFIA PAULO JACOB	14
3.1 Jacob no contexto do regime civil-militar	17
3.2 Os ciclos ficcionais da borracha e o "Andirá"	21
4 O "ANDIRÁ"	23
5 O DRAMA HUMANO NO SERINGAL	28
5.1 Sistema de Aviamento	29
5.2 Exploração de trabalho e violência	30
5.3 Resistência	31
5.4 Crise, mercado e políticas protecionistas	32
5.5 Gênero	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Licenciatura em História, no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA)¹. A proposta é analisar as relações socioeconômicas durante o período que para a historiografia convencionalmente é chamado *ciclo da borracha*² que vai dos fins do século XIX ao início da década de 20 do século XX. Para tanto usamos como fonte a literatura do romancista e jurista Paulo Maciel Herman Jacob, mais precisamente o seu segundo livro “Andirá”, lançado originalmente em 1965 e que teve uma nova edição lançada em 2003.

Paulo Jacob surgiu em minha vida durante um processo de amadurecimento de minhas leituras literárias. A pouco mais de 12 anos eu comecei a ter o mínimo do hábito de leitura. Muito em decorrência de minha militância política, membro da União da Juventude Socialista (UJS) em Parintins, os primeiros livros a que me dediquei ler foram alguns clássicos da literatura russa, como Máximo Gorki e Dostoiévski.

Com a minha passagem pelo curso de jornalismo, o pouco de produtivo que me restou foi a paixão pelo jornalismo literário, ou “Novo Jornalismo”. Escritores como Zuenir Ventura, Caco Barcellos, Jonh Reed, Tom Wolf, Gay Talese e Truman Capote, que usavam da estética do romance para produzir grandes reportagens, me fascinaram. Apesar de descobrir durante o curso que eu não tinha a mínima vocação para seguir a disciplina e a hierarquia autoritária das redações, a ida a campo era a melhor das funções, o contato, ainda que frio e superficial, com o povo. Isso me levou a buscar outra área. Migrei da comunicação social para a História e enfim me encontrei.

Eu nunca havia me interessado pelos escritores locais, muito em decorrência de um certo preconceito em relação a literatura regional. Foi durante as primeiras aulas dos professores Arcangelo Ferreira e João Marinho que essa ideia estúpida, juntamente com outras perigosas para a meu pretense espírito de humanidade, foi sendo expurgada da minha vida. A partir de então me importei devidamente para com o local e o regional.

¹ A pesquisa foi iniciada no âmbito do Programa de Iniciação Científica/PAIC da Universidade do Estado do Amazonas com bolsa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas/FAPEAM.

² Optamos nesse trabalho por usar o termo *ciclo econômico*, mas é necessário ressaltar que existe um debate em torno do conceito. Alguns historiadores usam o termo *economia da borracha*. Dentre eles Ciro Flamarion Cardoso, que afirma que *ciclo econômico* é um termo reducionista, refletindo na historiografia “os interesses metropolitanos e dos grupos dominantes coloniais e posteriormente imperiais.” (CARDOSO, Ciro Flamarion. O Trabalho na Colônia. In: **História Geral do Brasil**. LINHARES, Yeda (org), 1990, p.95). Mas ao optarmos por ciclo queremos afirmar que houve um momento de grande crescimento econômico, seguido de profundas mudanças estruturais na sociedade, e que teve fim com advento de uma crise de mercado que levou às ruínas a maior parte dos agentes econômicos do universo dos seringais na região amazônica e transformou novamente as estruturas sociais.

Antes de “descobrir” a literatura amazonense, ainda tive tempo de “descobrir” a literatura hispano-americana, através de Gabriel García Márquez, ao ler seguidamente seus romances “*Cem anos de solidão*” (2012) e “*Amor nos tempos do cólera*”(1993). E hoje posso afirmar que García Márquez é meu escritor predileto.

Depois de muitas conversas informais com o professor Arcangelo – dessas que se fazem pelos corredores da universidade – sobre literatura, veio o incentivo cabal para encarar a literatura produzida na região amazônica. Não sabendo por onde e nem por quem começar, iniciei leituras, meio superficialmente, de escritores mais populares, como Milton Hatoum, Ferreira de Castro, Araújo Lima e Marcio Souza. Durante minhas frequentes visitas a biblioteca municipal de Parintins, ao fazer uma varredura na estante dedicada à literatura amazonense, “tropecei” (o livro estava na mais baixa prateleira) no romance “Andirá” de Paulo Jacob. Justamente no momento da minha vida acadêmica em que eu estava bastante interessado no período da *belle époque* e no auge da economia da borracha na região. A capa da edição de 2003 do romance, edição usada como fonte para o presente artigo, já indica o seu conteúdo. Nela vemos a imagem de quatro seringueiros, três homens e uma mulher, vindos caminhando em meio a estrada de um seringal.

Durante os dois períodos de disciplina de TCC foram realizadas pesquisas na Biblioteca da Academia Amazonense de Letras, em seus anais e revistas, numa tentativa de verificação das atuações do romancista Jacob, membro desde 1971, na referida entidade. Outras pesquisas sobre a vida do escritor foram feitas na internet, em *sites* e blogs de literatura amazonense. Na busca, encontramos artigos, monografias e teses relacionadas ao autor de “Andirá”. Em sua maioria na área de Letras. Os pesquisadores Araújo do Nascimento Bentes e Jamescley Almeida de Souza são as principais referências na área.

Nossas referências teóricas voltadas para a economia da borracha tratam da história econômica e social do processo de acumulação de riquezas e da desigualdade social na região. Tratam também da estruturação dos espaços urbanos e sua radical transformação aos moldes imperialistas, destinada a atender a demanda do capital estrangeiro e sua tentativa de segregação espacial de classe; dos seringais da Amazônia como espaço de exploração de trabalho. Em relação ao *tempo do narrador*, buscamos como referencial pesquisas que tratam dos ciclos ficcionais da borracha na Amazônia e outras sobre a conjuntura do período das décadas de 50, 60 e 70 do século XX, períodos em que o autor teve, sequencialmente, experiências com comunidades ribeirinhas e indígenas enquanto jurista, tornou-se desembargador em Manaus, começou a escrever seus romances e ganhou prêmios de

importância nacional. Vemos como Jacob, fazendo parte de uma elite econômica e política, se relacionava com o poder público.

Faço também uma retrospectiva sobre a produção mercadológica da borracha, de sua inserção no mercado global, do chamado *boom* à perda de mercado internacional para a produção da goma sintética e o fim dos seus tempos áureos. Outro ponto a ser tratado é de como a literatura se insere no universo de fontes importantes para o historiador e de como ela emergiu para a historiografia, como uma das respostas à Escola Metódica, no início do século XX.

Ainda para as análises, usamos autores que trabalham o funcionamento e estrutura dos seringais; de como os trabalhadores exerciam as resistências à violência; como as mulheres, geralmente invisibilizadas nas obras literárias e até os anos 80 nas ciências sociais, são retratas; e o sistema de aviamento, como o fio condutor da economia. Com isso, temos o mapeamento de alguns temas que são tratados de maneira mais evidente e outros, numa “leitura a contrapelo”, menos latentes.

1. CONJUNTURA ECONÔMICA E SOCIAL DA PRODUÇÃO DA BORRACHA

Na passagem do século XIX para o XX o capitalismo na sua fase monopolista e financeira (SEVCENKO, 1998) invade a Amazônia. A “visita” dos agentes econômicos estrangeiros é visualizada através de registros diversos. Nos relatórios dos naturalistas, por exemplo, já é possível perceber os interesses do grande capital, posto que a Amazônia é representada como um campo de matérias primas para o processo da industrialização. Relativo a esses interesses, desde os anos de 1890, ocorreu uma incisiva procura do látex – seiva de árvore nativa conhecida cientificamente como *hévea brasiliensis*. Essa demanda suscita aquilo que a historiografia da Amazônia denomina como “a ilusão do fausto” (MASCARENHAS, 1999).

A região amazônica passa por profundas transformações em suas estruturas econômicas, sociais e espaciais. No Amazonas, é Manaus que se torna o centro dessas transformações. O ano de 1890, na gestão de Eduardo Ribeiro, marca o início dessa nova Manaus. O capital estrangeiro financia em grande escala essas transformações da antiga Manaus colonial para a nova cidade, uma cidade moderna. Esse capital tanto financia como se beneficia do desenvolvimento. O monopólio dos serviços prestados na cidade é de domínio inglês, desde a administração do porto à limpeza pública (SOUZA, 1977). E é pelo porto que

chegam as influências do mundo moderno da Europa em pleno processo da segunda revolução industrial (SEVCENKO, 1998). Um modelo de modernidade que, ao transformar os espaços da cidade sob demanda do capital e da burguesia local, exclui os pobres do centro, num verdadeiro processo de higienização social (MASCARENHAS, 1999). Jacob (1969), nas páginas de seu romance, descreve as noitadas do centro de Manaus à moda europeia, de casas noturnas repletas de prostitutas vindas da França onde a elite local passa as noites esbanjando a sua riqueza, de bares e cafés lotados de pessoas nos mais extravagantes e modernos trajes da moda europeia, mesmo com um clima adverso a essas vestimentas. Por outro lado mostra os cenários dos cortiços mais afastados do centro, onde trabalhadores e pobres residem e famílias inteiras dividem espaços ínfimos. Muitas amantes de coronéis da borracha moravam em tais locais.

E pelo porto também partem para as entranhas da Amazônia, a bordo dos gaiolas³, tudo o que servirá para a produção da *hévea brasiliensis*, de mercadorias à mão de obra vindas de outras regiões do Brasil, principalmente do nordeste. Na falta de mão obra local para a demanda da crescente produção houve a necessidade de importação de trabalhadores para a extração do látex (PRADO; CAPELATO, 1977). Exploração do trabalho foi feita de modo que se extraísse o máximo de lucro da borracha, mesmo que isso significasse métodos corruptos de medição das pelas⁴ e violências moral e física. Jacob (1969) mostra com uma riqueza de detalhes todo o drama do seringueiro preso as amarras do seringalista por um sistema de dependência que poderia impedi-lo de sair vivo do seringal. Assassinatos nos seringais eram recorrentes. Indica também o drama das mulheres desse universo: esposas e filhas de seringueiros mortos que precisam se submeter aos desejos sexuais do patrão; filhas de seringalistas que se rebelam contra o conservadorismo de suas famílias; criadas negras que sofrem abusos de poder e humilhações; matronas reprimidas pelos coronéis.

De acordo com Souza (1977, p.87) “o Amazonas nunca foi tão alienado quanto durante o *ciclo da borracha*”. Dito corretamente, aprisionados na ideologia da riqueza eterna, os donos do poder local não perceberam que seus negócios estavam presos às amarras do sistema de aviamento. Este frágil mecanismo econômico é estruturado por um sistema de dependência em cadeia: o seringueiro deve ao seringalista que deve às casas aviadoras que se endividam com os bancos financiadores internacionais (PRADO; CAPELATO, 1977). Nesta lógica, os lucros estruturais são destinados para os agentes estrangeiros. Já os lucros imediatos

³ Embarcações de propulsão a lenha com grades laterais que se assemelham a gaiolas.

⁴ Forma esferoide característica em que a maior parte da borracha produzida na Amazônia chegava ao mercado. Era confeccionada pelo seringueiro que levava ao barracão como pagamento das mercadorias adquiridas ou para saldo na casa (WEINSTEIN, 1993).

são utilizados como técnica de controle dos donos do poder local, iludidos que estavam com a falácia da inexaurível riqueza.

Historicamente a utilização do capitalismo voltado ao consumo, gradativamente, revelou a inoperância do poder local quando a produção da borracha nacional começou a concorrer com a internacional e entrou em um processo de retração (SANTOS, 1980). A partir de 1913, o *Fausto* faz as malas e ruma para outros campos, perdendo espaço, gradativamente, para a borracha produzida na Ásia. Em 1910 se iniciam planos de governo para recuperar o mercado da borracha nativa. Porém todos se mostraram falhos:

No caso específico da borracha brasileira, sua ruína se explica não apenas pelo mecanismo do sistema em que se insere, mas também por fatores internos. Os representantes políticos da Amazônia nunca conseguiram consolidar uma política de defesa da borracha. Além disso, os lucros auferidos na região foram canalizados para o consumo, não concorrendo para a transformação das condições existentes (PRADO; CAPELATO, 1977, p. 307).

Com a produção asiática ultrapassando a local em 1920 o primeiro ciclo da borracha se encerra com uma consequente estagnação econômica na maior parte da região Amazônica. Somente com o advento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) onde novamente os agentes internacionais se voltariam para a Amazônia, o látex voltaria a ser largamente produzido para a fabricação de utensílios de guerra. Houve a permanência, porém, da exploração desenfreada do trabalhador, o “soldado da borracha” (LIMA, 2013). Contudo a produção nunca mais chegaria à grandeza dos números do período áureo da borracha.

2. A LITERATURA NA HISTORIOGRAFIA

Dentro do mosaico de fontes que integram hoje a historiografia a literatura se faz presente e mostra ser um terreno fértil com variadas opções de aprofundamento na pesquisa. Para Ferreira (2013):

Mais do que isso, nas últimas décadas os textos literários passaram a ser visto pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo da cultura, dos valores e das experiências subjetivas de homens e de mulheres no tempo. (FERREIRA, 2013, p.61).

Na segunda metade do século XIX, para a historiografia as fontes escritas, as oficiais principalmente, passaram a ter status de documento verdadeiro dentro de uma tendência universal em que as ciências humanas buscavam alcançar estatuto científico. A Escola

Metódica Francesa estabeleceu parâmetros metodológicos que orientavam na crítica interna e externa das fontes numa tentativa de fazer com que o documento tivesse uma autenticidade para a reconstrução objetiva do passado (FERREIRA, 2013). Com isso os textos literários não eram considerados como fontes dignas para alcançar essa objetividade.

Com o surgimento da revista *Annales d'Historique Économique et Sociale*, fundada na França em 1929 por Lucien Febvre e March Bloch, alargam-se as fontes com a ampliação do repertório e a transformação do seu próprio conceito e desenvolvem a chamada “História Problema” como um contra ponto da história político-factual da Escola Metódica. A história problema dos *Annales* assume um caráter interdisciplinar, com diálogos com áreas da sociologia, psicologia, economia, geografia, para a tentativa de compressão da complexidade e da totalidade da vida humana. Os processos sociais e econômicos, seguido dos aspectos mentais, foram enfatizados por essa corrente historiográfica e as fontes dinamizadas. Com isso a literatura passa a fazer parte do rol das novas fontes de pesquisas tão caras para a historiografia, desenvolvidas a partir do século XX.

Historiadores, hoje considerados clássicos e pioneiros, foram importantes para o desenvolvimento da literatura como fonte historiográfica. Dentre eles está Lucien Febvre, que, de acordo com Ferreira (2013), abordando a história a partir das mentalidades abriu espaço para a investigação dos textos literários. Para os pesquisadores deve interessar:

Os textos, sem dúvida: mas todos os textos. E não só os documentos de arquivos em cujo favor se cria um privilégios [...]. Mas também, um poema, um quadro, um drama: documentos para nós, testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e de ação em potência. (FABVRE, s.d., p.31; apud FERREIRA, 2013, p.64).

Na década de 1970 com a divulgação da obra denominada manifesto da Nova História, uma geração de historiadores franceses encabeçada por Jacques Le Goff e Pierre Nora, propuseram o aumento da temática do historiador. Passou-se a abranger objetos como inconsciente, cotidiano, a língua, a literatura, o mito, infância, juventude, meios de comunicação, entre outros. Como consequência estimulou-se a pesquisa de novos documentos, escritos, sonoros e visuais. Dentro do manifesto há um capítulo escrito por Jean Atarobinsky sobre a literatura, no qual discute questões relacionadas a métodos importantes para a pesquisa relacionada ao “texto literário (como objeto autônomo) e seu intérprete (o historiador, sua subjetividade e intenção)” (FERREIRA, 2013, p.64).

Os marxistas ingleses da década de 1970 também são fundamentais para a relação da historiografia como a literatura. Ferreira aponta Raymond Willians como um dos principais

nomes dentre os marxistas que dedicaram especial atenção à cultura para a compreensão das relações sociais usando a literatura como uma fonte significativa. A sua obra “Marxismo e Literatura”, publicado na Inglaterra em 1971 e no Brasil em 1979 pela Zahar, é referência para a historiografia atual. Foi escrita em um momento onde:

O marxismo, em muitos campos e talvez especialmente na teoria cultural, experimentou simultaneamente um renascimento e uma abertura e flexibilidade, como ele relacionadas, de desenvolvimento teórico. E a literatura, também por motivos correlatos, tornou-se problemática em muitos aspectos novos. (WILLIANS, 1979, p.6)

No Brasil da década de 1950, no campo da sociologia, já se afirmava a importância da literatura nas ciências humanas, com Antônio Candido sendo uma das principais referências dessa relação entre sociologia e literatura. Os pioneiros dentro do campo da história a tratar a literatura como referencial são Sérgio Buarque de Holanda e Nelson Werneck Sodré. Podemos inclusive perceber o estilo de escrita de ambos os historiadores que flerta com a escrita literária. Eles são uns dos poucos, segundo Ferreira, nessa linha até os anos de 1980, década essa em que os historiadores seriam bastante influenciados pelas novas abordagens propostas pela História Social e Cultural, desenvolvidas principalmente nos Estados Unidos e na Europa.

3. BIOGRAFIA PAULO JACOB

Paulo Herban Maciel Jacob foi escritor e juiz, filho de Hermeto de S  e Silva Jacob e Josefa Maciel Jacob, ambos judeus sarfaditas. Nasceu em 24 de fevereiro de 1921 e faleceu em 9 de abril de 2003 em Manaus. Existe divergência em rela o ao local onde nascera. Contudo, de acordo com sua viúva, Marilda Jacob (BENTES, 2015), Jacob nasceu em Belém, e foi registrado em Manaus. Ao que tudo indica sua família estava viajando a caminho da capital do Amazonas quando a viagem foi interrompida pelo seu nascimento.

Paulo Jacob publicou 14 romances e um dicionário de língua popular da Amazônia, todos somente após ter se tornado desembargador em 1964, aos 43 anos de idade, e de acordo com sua esposa deixou ainda duas obras escritas a serem publicadas: Casa de Suindara (Coruja) e Peixe –boi. De acordo Marilda Jacob, “Ele fez para publicar e não deu tempo e eu ainda não virei pra ver, porque é uma coisa que me machuca muito ver as coisas que ele escreveu” (BENTES, 2015, p.119). Era ela quem revisava seus textos sendo “leitora muito exigente” (idem). Jacob escrevia seus manuscritos em uma máquina de datilografar, visto que

sua caligrafia não era muito boa. “Ele tinha a mania de dizer que quando ele estava escrevendo à mão, ele e Deus entendiam. Depois que terminava, nem ele nem Deus entendiam mais nada” (idem).

Morou em Manaus até o fim da vida em sua casa aos moldes neocoloniais na rua Major Gabriel, centro, bem em frente ao igarapé no parque que hoje leva o seu nome. Uma grande propriedade com um “vasto terreno, magnífico bosque, com dezenas de árvores, de variados tipos, com a atração, em forma de viveiro natural, de passarinhos de origens diversificadas” (MENEZES, 2004, p.23). As imagens feitas pelo pesquisador Arão Bentes (2015) mostram que sua viúva mantém ainda hoje os cômodos da maneira como era quando vivo. Um local interessante da casa é onde fica o altar com imagens de santos católicos e uma pintura ao fundo denominada de “Jesus Cristo caboclo”, onde o ícone religioso está em pé em uma canoa auxiliando pescadores no meio do rio Amazonas. Na entrevista a Sr.^a Marilda afirma que o escritor era católico praticante, apesar de não ter ido frequentemente à Igreja. Contudo, os romances de Jacob indicam uma valorização de suas origens judias e tanto o catolicismo como o judaísmo são frequentes, sendo até temas em alguns de seus livros.

Sobre sua formação escolar são poucas informações disponíveis. No primeiro número dos Cadernos da Academia de Letras do Amazonas, de 2004, em que o escritor e membro da academia Armando de Menezes homenageia Paulo Jacob, afirma que o jurista e escritor cursou o “Ginásio Amazonense Pedro II”. Relata o seu ponto de vista em relação ao então jovem Jacob, na década de 40, que cursava a última série do ciclo do ginásio:

De compleição física não muito avantajada, era tido como um verdadeiro líder e também bom de briga, [...] viu-o certa noite naquele calçadão da Praça da Polícia, onde os mais jovens passeavam ao som das músicas tocadas dos cinemas Polythema e Guarany, envolver-se em generalizado conflito entre rapazes [...] dando fim ao mesmo (MENEZES, 2004, pp. 21-22).

Jacob formou-se em direito pela antiga Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas (UA), hoje Universidade Federal do Amazonas (UFAM). O ofício na magistratura está presente em várias de suas obras, como em Andirá, que inicia com uma peça jurídica, um interrogatório de um ex-funcionário de um seringal no interior do Amazonas que descreve como torturava e até assassinava os seringueiros que causavam algum “problema”, na maioria das vezes banais, ao dono do seringal. Tudo isso a mando do próprio dono do seringal, que não admitia perder nem mesmo um centavo de lucro e muito menos deixar seus seringueiros saírem do seringal, devendo ou não ao dono (JACOB, 2003).

Em 1951 tem início suas passagens por várias cidades do interior do Amazonas, cenário presente em todos os seus romances, começando por Itapiranga onde foi nomeado juiz municipal. A partir daí vê uma outra Amazônia, distante da capital em tempo e espaço, e observa “o drama social de seu homem” (SOUZA, 2018). No ano seguinte, 1951, prestou concurso para juiz de Direito e passou a atuar na cidade de Canutama, às margens do rio Purus, “o mesmo rio navegado por Euclides da Cunha” (idem). Após dois anos, em 1953, é removido para atuar na comarca de Manacapuru, onde fica até em 1961, ano em que foi promovido a juiz de Direito em Manaus. Em 1964 se torna desembargador na capital. Em 1967 é alçado a Corregedor-Geral de Justiça. No ano seguinte é nomeado Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Amazonas (TJ-AM), e de 1982 a 1983 assume a presidência da entidade, chegando a assumir algumas vezes, nesse período, o governo do estado.

Em Manaus foi também professor de direito na Universidade do Amazonas por dez anos, fez parte do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), se tornou imortal, em 1971, na Academia Amazonense de Letras ocupando a cadeira número 07, cujo o patrono é Maranhão Sobrinho e ocupada atualmente por Aldísio Figueira. Foi também membro da Academia Amazonense de Letras Jurídicas do Amazonas, fazendo parte da lista de membros de fundação e instalação da entidade em 8 de dezembro de 1987 (Revista da Academia Amazonense de Letras, 1992).

Paulo Jacob começou a publicar seus livros aos 43 anos, em 1964, já atuando na capital Manaus, como magistrado em carreira em ascendência e escreveu muito durante 35 anos. Em 1964 lança seu primeiro livro intitulado “Muralha Verde”. O romance relata a história de diferentes pessoas, de vários lugares, incluindo desde casais de Salvaterra (Portugal) a sertanejos que lutam contra a seca no nordeste brasileiro, passando, ademais, por Manaus e Manacapuru (AM). É notório o trabalho que Paulo Jacob faz, no romance, em relação à linguagem, de modo a impregnar cada história com a toponímia do espaço mostrado (SOUZA, 2018).

“Andirá” é sua segunda obra, lançada originalmente em 1965 e reeditada em 2003. A narrativa se passa no seringal Andirá, no rio Juruá, onde Jacob mostra os dramas políticos, sociais e econômicos nesse universo dos seringais durante a crise que levou a bancarrota a economia gomífera da região. Destaque para a guerra política travada entre os principais seringalistas de São Felipe, onde se passa a narrativa, e a dualidade do bem e mal, do explorador e explorado, do seringalista e o seringueiro, e toda a violência contra aqueles que de uma maneira ou de outra “atrapalham” os lucros e/ou a moral do patrão. A linguagem

regional dos seus romances já estava se desenvolvendo, no qual já se percebia algo parecido com o que Guimarães Rosa fazia nas suas obras.

Em 1968 lança seu mais famoso livro, “Chuva Branca”, obra que o lança nacionalmente ao ser premiado em quarto lugar no concurso literário Walmap, o mais importante do gênero na época. Narrando a história do ribeirinho Luis Chato, Jacob mostra que esta Amazônia vive infiltrada por mitos, por credices e por sincretismo religioso (SOUZA; LOURO, 2014, p. 136). O trabalho com a linguagem também é destaque, em relação “à invenção de palavras à lavra de Guimarães Rosa” (SOUZA, 2018). Lançou no ano seguinte “Dos ditos passados nos acercados do Cassianã”, que ficou em segundo lugar no mesmo prêmio do ano anterior.

Jacob também lançaria “Chãos de Maiconã” (1974), “Vila Rica das Queimadas” (1974), Estirão do Mundo (1979), A noite cobria o rio caminhando (1983), Dicionário de língua popular da Amazônia (1985), “O gaiola tirante rumo ao rio da borracha” (1987), “Um pedaço de lua caía na mata” (1990), “O coração da mata, dos rios, dos igarapés e dos igapós morrendo” (1991), “Assim contavam os velhos índios iañoñames” (1995), “Amazonas, remansos, rebojos e banzeiros” (1995) e “Tempos infinitos” (1999).

A sua produção é basicamente influenciada pelas suas viagens pelos interiores da Amazônia a serviço do estado. Para além das lendas e estórias da região, foi travando o contato direto com a população pobre e simples dos interiores do Amazonas (BENTES, 2015) que Jacob, com uma sensibilidade artística, capta todo o drama local através das falas dos sujeitos interioranos (MENEZES, 2004). Termos como “estirão”, “remansos e robojos”, “pedaço de lua” se tornaram títulos de algumas de seus romances.

3.1 Jacob no contexto do regime civil-militar.

Em 1964 inicia-se o período da ditadura civil-militar no país, após um golpe que depõe o então presidente João Goulart, e que duraria até a reabertura política em 1985. Um período em que houve perda de direitos políticos e de liberdade de expressão, em um regime autoritário que punia todos que fossem suspeitos de praticarem manifestações e atos contra o governo vigente. Em todo o Brasil muitos civis, artistas, escritores, acadêmicos, políticos, trabalhadores foram exilados, presos, torturados e desaparecidos por não aceitarem o autoritarismo militar. Foi um período marcado também pelas manifestações nas ruas, principalmente de estudantes e artistas, contra o regime, e que foram largamente reprimidas causando inclusive mortes. Um contexto sombrio para todos que prezavam pela liberdade de expressão e pela democracia.

Paulo Jacob começou a publicar seus romances nesse mesmo período e em 1965 lança “Andirá”, seu segundo romance. Jacob exercia o cargo de desembargador na capital Manaus. Devemos aqui atentar pelos antecedentes de sua nomeação a desembargador. Em 1951 foi nomeado juiz em Itapiranga, interior do Amazonas. Em 1952 prestou concurso público e através dele exerce o cargo de juiz na cidade de Canutama, interior do estado. De acordo com Bentes (2015) e Souza (2016; 2019) é atuando em Canutama que começa a ganhar notoriedade como magistrado, o que o levou a assumir o cargo em Manacapuru (AM) em 1953 e a sua nomeação como juiz de direito na capital Manaus em 1961. Em 1964 foi alçado a desembargador, mesmo ano em que publica seu primeiro romance “Muralha Verde”.

Duas imagens fotográficas de Paulo Jacob, reproduzidas no primeiro número dos “Cadernos da Academia” (MENEZES, 2004), publicação da Academia Amazonense de Letras, mostram uma sessão de autógrafos do escritor e desembargador na qual estão presentes Jarbas Passarinho⁵, ministro do governo militar, e o então senador do Amazonas José Lindoso⁶. Em outra imagem Jacob está com o historiador e governador Arthur Cesar Ferreira Reis⁷. Ambas as imagens não estão datadas na publicação da AAL, porém pelo que indica as respectivas legendas as imagens foram tiradas entre as décadas de 60 e 70, visto que Jarbas Passarinho foi ministro da educação no período 1969-1974, José Lindoso atuou como senador entre 1971-1979 e Ferreira Reis governou o estado do Amazonas entre 1964-1967.

Vemos então que Jacob fazia parte de uma elite política em uma área importante para a estrutura montada pelo governo militar. Pondo a parte sua competência como magistrado, a sua nomeação a um cargo de grande porte como de desembargador nos indica que o autor de “Andirá” de alguma maneira inspirava confiança ao regime militar e à hegemonia política do Amazonas. A sua progressão na carreira de magistrado, que chega assumir o governo do estado quando do período em que foi vice-presidente do Tribunal de Justiça do Amazonas

⁵ Jarbas Gonçalves Passarinho nasceu em Xapuri (AC), no dia 11 de janeiro de 1920 e faleceu em Brasília, 5 de junho de 2016. Foi militar. Governou o estado do Pará entre 1964-1966. Foi senador pelo mesmo estado em 1967. Assumiu o Ministério do Trabalho entre 1967-1969 e da Educação entre 1969-1974. Ministro da Justiça entre 1990-1992. Com a reeleição de Fernando Henrique, ainda no primeiro turno, Passarinho foi nomeado, em dezembro de 1998, membro efetivo do Conselho da República. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jarbas-goncalves-passarinho>. Acesso em: 12 de set. de 2019, às 19h.

⁶ José Bernardino Lindoso nasceu em Manicoré (AM) no dia 21 de agosto de 1920 e faleceu em Brasília no dia 25 de janeiro de 1993. Foi deputado federal pelo Amazonas entre 1967-1971. Senador também pelo Amazonas entre 1971-1979 e novamente governador do Amazonas entre 1979-1982. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-bernardino-lindoso>. Acesso em 12 de set. de 2019, às 18h.

⁷ Artur César Ferreira Reis nasceu em Manaus no dia 8 de janeiro de 1906 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 6 de fevereiro de 1993. Foi historiador, jornalista e político. Governou o estado do Amazonas entre 1964-1967. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/reis-artur-cesar-ferreira>. Acesso em: 12 de set. 2019, às 18:29h.

(TJ-AM), de 1982 a 1983, pode nos ser indício de que o juiz Jacob mantinha uma boa relação com o poder político em voga, podendo mesmo, aparentemente, estar alinhado ideologicamente ao então governo. Afirmamos esse caráter aparente, pois, as obras do romancista Jacob, em especial a tratada no presente artigo, refletem uma realidade regional de opressão contra a classe trabalhadora e os pobres, onde a elite desenvolvida a partir da exploração da borracha é retratada de maneira que, pela lógica no contexto do autoritarismo militar, não agradaria ao regime político de então.

Por quase dez anos Paulo Jacob andou pelo interior do Amazonas como juiz, e viu a realidade da população ribeirinha. De acordo com MENEZES (2004) o contato com o trabalhador do interior o ajudou a desenvolver suas ideias para os romances que viria a escrever. Em uma passagem dos “Cadernos da Academia” Menezes (2004) mostra um exemplo dessa sensibilidade de Jacob em relação à linguagem do interior, que é marca de suas obras:

Conta-me ele, então, que sendo juiz de Direito recebera, certo dia, a visita de nervoso caboclo que, morando lá pelas bandas do Tarumã, onde plantava sua pequena roça, dizia-se ameaçado por outrem que o queria tomar. E para dar força às suas ponderações aquele homem sem estudos saiu-se assim: ‘Me ajude dotô, não deixe isso acuntecê, porque lá tem de tudo, pois já tenho até limoeiro solfejeando flores. (MENEZES, 2004, p.20).

Ao lermos a sua obra percebemos que muitas expressões usadas pelo povo do interior, e relatadas por pessoas que conviveram com Jacob dentro e fora da Academia Amazonense de Letras, são nela encontradas. Como é o caso do trecho citado acima “já tenho até limoeiros solfejeando flores”. De acordo com o Aurélio, solfejar significa “ler ou entoar um trecho musical modulando a voz ou pronunciando o nome das notas”, mas podemos entender que nas palavras do “nervoso caboclo” significa que suas árvores já estariam amadurecendo e que não queria ter que perder o que plantou. Jacob conseguiu captar a poesia nas palavras do sujeito simples do interior e transpôs essas e muitas outras para seus romances. Outro exemplo é o título de um de seus romances, “Um pedaço de lua caía na mata”, publicado em 1990, mas cuja expressão já se encontra no romance aqui analisado, “Andirá”, abrindo um dos capítulos. Ao ler o romance entendemos que essa frase significa que o dia estava amanhecendo e a lua estava desaparecendo por trás das árvores da mata.

Vemos que Paulo Jacob, apesar de ser parte da elite política hegemônica, escrevia suas obras atentando, ou pelo menos tentando, para a perspectiva da classe trabalhadora. No romance “Andirá”, muitas passagens mostram o drama do seringal do ponto de vista do

seringueiro, das mulheres e dos segregados do centro da capital. Os conteúdos dos diálogos e os termos e expressões usadas nos mostram uma aproximação de Jacob com um universo para além da elite da capital da década de 1960.

Com isso a partir do conceito de “circularidade cultural” podemos levantar uma hipótese em que traçamos um breve paralelo entre Jacob e Domenico Scandella, conhecido por Menocchio, personagem e objeto do estudo sobre a inquisição, presente na obra “O queijo e os Vermes” (1976), do historiador italiano Carlo Ginzburg.

O personagem pesquisado por Ginzburg pertencia à classe trabalhadora da Europa do século XVI. Menocchio era um fabricante de queijos de um vilarejo chamado Friuli, pequena aldeia rodeado de montanhas em Montereale, Itália. Em um dos autos dos arquivos da inquisição em que Ginzburg pesquisara mostra uma acusação que chamou bastante a atenção do pesquisador. Menocchio, um simples moleiro, foi acusado de gravíssima heresia contra a “santa Igreja”. Uma das acusações era que ele afirmava que “o mundo tinha origem na putrefação” (GINZBURG, 1987, p.11). Daí o título do livro. Comparava o surgimento do universo como os vermes que surgem do apodrecimento do queijo. A origem do mundo para o moleiro era o caos, e que todos os principais elementos da natureza formaram uma espécie de massa, assim como o leite é transformado em queijo. Dessa massa a santíssima majestade criou Deus e os anjos.

É uma teoria complexa elaborada por um trabalhador, em uma classe em que a maioria não sabia ler nem escrever. O que nos interessa aqui é entender as origens dessas ideias de Menocchio. Examinando os arquivos da inquisição, Ginzburg descobre que o acusado viajou por muitos lugares da Europa e também da Ásia, acumulando conhecimento, aprendendo sobre as várias culturas em que travou contato. Não se sabe se aprendeu a ler em viagem, mas nos autos afirmou que conheceu muitos escritos nos países em que visitou.

O historiador italiano, ao tratar do conceito de “circularidade cultural”, usa Menocchio como exemplo, afirmando que não é somente a cultura da classe alta, a hegemônica, que define ou influencia de variadas maneiras a cultura subalterna. O contrário também ocorre. O moleiro, da classe trabalhadora, difundiu suas ideias no seu povoado, mesmo sendo um sujeito muito reservado, como o autor afirma. Mas como percebemos as suas ideias podem ser atribuídas as suas viagens pelo continente. Elas circularam tanto no poder hegemônico como na classe subalterna.

Nesse ponto podemos indicar o paralelo com Jacob. Como já afirmamos, Jacob faz parte da elite política e econômica regional, porém sua obra é composta a partir do acúmulo cultural em meio ao povo do interior com os quais travou contato por 10 anos.

Uma das características fundamentais da circularidade cultural é então essa capacidade do sujeito ou grupo de, reciprocamente, desenvolver as ideias, visões e vivências no mundo, se relacionando com as classes antagônicas. Não podemos deixar de destacar o fim de ambos. O moleiro do século XVI, perseguido pela inquisição, foi condenado a morte. Jacob foi premiado na década 1960 a nível nacional, porém nas décadas seguintes foi pouco divulgado e somente na segunda década dos anos 2000 começou a ser estudado pela academia (BENTES, 2015; SOUZA, 2016).

3.2 Os ciclos ficcionais da borracha e o “Andirá”

O ciclo da borracha é um tema presente na literatura na Amazônia desde as primeiras décadas do século XX. Com a recorrente reiteração do tema por escritores da região desenvolveu-se ciclos ficcionais da borracha. Para abordar o tema no presente artigo nos apoiamos na tese de Leandro (2014), em que ele afirma existirem ciclos ficcionais amazônicos que embasam a literatura da região, produzindo e preservando capítulos de memória da Amazônia e os transformando em “memorial literário”. Segundo Leandro (2014):

O ciclo da borracha está para além de um ciclo econômico ou de um ciclo histórico. Na literatura sobre a era gomífera, há muito mais do que uma simples reprodução dos descaminhos da ascensão e queda desse eldorado amazônico. O ciclo da borracha desloca-se, pelos caminhos ficcionais, para um ciclo de memórias sobre a Amazônia, sob a lente histórica do período da borracha (LEANDRO, 2014, p. 27).

A literatura produzida na Amazônia começou a ser difundida no restante do país a partir do desenvolvimento da economia da borracha, e de acordo com Daou (2004) no período em que houve o desenvolvimento social na região, início do século XX, as condições para a produção e circulação dos trabalhos intelectuais foram se tornando mais favoráveis a partir das capitais Manaus e Belém, que eram as principais capitais da região norte.

O ciclo, conceito tomado do campo da economia, mesmo possuindo uma ideia de algo fechado, “não esconde o desejo de tratar das transformações sociais e econômicas” (Sussekind apud Leandro, 2014, p.28). Existem continuidades e rupturas nos temas que se seguem sobre o período áureo da produção da borracha. “A repetição de temas e estéticas entre as ficções da borracha se dá sem uma consciência literária muito clara dentro da historiografia literária amazônica” (LEANDRO, 2014. p.30-1). Porém “Não há como considerar os ciclos ficcionais da borracha dentro de uma suposta genealogia, por vezes mecanicista” (idem). Contudo

podemos em linhas gerais, definir os ciclos ficcionais da borracha com as características que gerações de escritores apresentam em suas respectivas obras.

Antes da geração em que Jacob pode ser inserido, temos a partir da década de 1910, um grupo de escritores que Leandro (2014) define como positivistas, que tentam narrar uma realidade “real” da Amazônia da economia da borracha. O autor aponta o escritor Alberto Rangel, nos rastros literários de Euclides da Cunha, como o principal representante dessa geração.

Na literatura Amazonense a partir do fim dos anos de 1930 as formas ficcionais foram se definindo esteticamente, ao que, de acordo com Djalma Batista:

(...) seria a conjunção de sociologia e história. Essa dimensão sociológica se daria com o grupo afinado com os anseios da geração de 30, especialmente com a literatura do Nordeste. Um desses representantes amazônicos seria Abguar Bastos. E é para ele que Djalma chama a atenção em *Letras da Amazônia* (PINTO, 2007, p.181; apud LEANDRO, 2014, p.10).

Como a principal referência dessa geração dos ciclos ficcionais sobre a borracha temos Ferreira de Castro e o seu romance “A Selva” (1930). Para Batista (1938, p. 57; apud LEANDRO, 2014, p.10) o autor de “A Selva” conseguiu captar, “com efeito, a epopeia do homem dentro da selva espoliado pelos padrões e pelos mosquitos, enterrado no seio da floresta, na exuberância de cuja clorofila reside o maior laboratório da vida primitiva no planeta”(idem). Outra característica literária desse período é a memória do indianismo nos seringais, presente na obra “Ressuscitados” (1936) de Raimundo Morais. Para Leandro (2014) é um momento da literatura regional em que existe uma incorporação do legado da geração dos modernistas de 1922. Com os problemas da seca e decadência dos latifúndios, a literatura no Nordeste estava em pleno conflito enquanto “no quadrante Amazônico, o mito da indústria gomífera continuava influenciando novos escritores” (LEANDRO, 2014, p.66).

A década de 1960 marca outro ciclo ficcional sobre a borracha. A obra “Belém do Grão-Pará” (1960) de Dalcídio Jurandir e “Coronel de Barranco” (1970) de Cláudio de Araújo Lima nos dão pistas das características dessa geração da literatura na Amazônia. Geração que Paulo Jacob se faz presente ao lançar seu primeiro romance “Muralha Verde” (1964) e na sequência “Andirá” (1965) (MENEZES, 2003).

Em linhas gerais, pode-se dizer que as obras de Jacob nesse momento estão alinhadas às de Dalcídio Jurandir, mesmo destoando em algumas características tanto em relação aos temas, analisados no presente artigo, quanto à própria estética. Jurandir, em “Belém do Grão-Pará”, narra nas suas páginas o problema da conservação política e social no que se refere ao

desenvolvimento da periferia de Belém durante o primeiro ciclo da borracha. Na trama principal dentro do romance “Andirá”, Jacob narra o conflito político e suas consequências na formação da pequena cidade de São Felipe (atualmente Eirunepé), no interior do Amazonas, durante a crise da economia da borracha. No entanto, Jacob se aproxima de Araújo Lima no que tange ao contexto da chamada “pós-memória”, pois não viveu de maneira direta o período da *Belle Époque* como seus antecessores, mas, assim como Araújo Lima, “conviveu com as lembranças das ruínas do primeiro ciclo decadente e o ressurgimento de um novo ciclo durante a Segunda Guerra” (LEANDRO, 2014, p.116).

A memória global dentro do regional surge como característica do ciclo ficcional com Marcio Souza, a partir de sua obra “Mad Maria” (1980). No seu romance, Souza ao narrar a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, nos revela os sentidos da globalização presentes nesse momento histórico. Com isso trata o universo da economia da borracha de uma forma inédita na literatura da Amazônia:

De qualquer modo, para a consecução de Mad Maria (1980), Souza não só produz um romance histórico, como dialoga indiretamente com as produções literárias existentes sobre o ciclo da borracha, além de lançar o ciclo da borracha dentro de um quadro imbricado entre o nacional e o global, o que, até então, os narradores da borracha ainda não haviam conseguido (LEANDRO, 2014, p.142).

No limiar do século XXI, emerge um novo ciclo ficcional da borracha, tendo como referência Milton Hatoum e seus romances “Dois Irmãos” (2000) e “Órfãos do Eldorado” (2008). Neles Hatoum revela “narradores metamemoriais, com diversos atravessamentos históricos dos tempos do látex” (idem, p.4). Em Hatoum todos os ciclos ficcionais anteriores dialogam e até mesmo convergem. As obras “Dois Irmãos” e “Órfãos do Eldorado” reforçam a tese de que “a literatura amazônica tem, há um bom tempo, (in)variavelmente, alicerçado um memorial literário da Amazônia por meio da mimese do ciclo da borracha” (idem, p.183).

4. O “ANDIRÁ”

A história se passa entre os anos de 1917 a 1919, período em que a borracha nativa perdia espaço no mercado internacional para borracha plantada nas colônias europeias na Ásia. Em sua narrativa Jacob consegue apresentar, com mais ou menos relevâncias, os atores sociais que compõem o universo da sociedade pautada na economia gomífera da virada dos séculos XIX a XX. Estão presentes os atores que estruturam a vida pretensamente moderna. Manaus, capital do Amazonas, a vila de São Felipe, às margens do rio Juruá, onde atualmente

se localiza a cidade de Eirunepé, e um seringal próximo chamado Andirá são os cenários em que se passa a narrativa.

O romance conta a história dos últimos anos do seringal “Andirá” e de todos que cruzam com o seu proprietário, o Coronel Alírio Feitosa, seringalista mais poderoso da região da cidade de São Felipe. Todos os personagens de alguma maneira estão ligados ao Alírio e sua família. Jacob deixa claro que o personagem principal é o proprietário do Andirá, porém o protagonismo não é apenas por ele exercido. Em diversos momentos sua filha, Mariazinha, é o personagem central da narrativa, sendo a resistência contra a moral dos pais. A história amorosa entre Mariazinha e Fabricio, escrivão do barracão do seringal de seu pai, tem inspiração na história que contavam sobre um casal de idosos que o próprio Jacob vira quando criança sentados no banco do Jardim da Matriz em Manaus. Ao relatar esse fato em nota ao fim do livro, Jacob indica que esse pode ser mesmo o que o inspirou para a produção do romance.

No jogo político de São Felipe outros coronéis assumem papel importante na obra, principalmente Tibúrcio Cesar Guerreiro, o rival político de Alírio Feitosa. A trama é desenrolada em meio a disputa que antecede as eleições para os cargos do estado, em que Guerreiro e Quincas Feitosa, filho de Alírio, disputam mandato de deputado estadual. Diversos atores sociais da cidade e dos seringais também são representados. O clero, os burocratas e funcionários públicos nomeados pelo estado, prostitutas, homossexuais, trabalhadores do porto, militares, banqueiros e especuladores financeiros, jornalistas, políticos, mendigos, estrangeiros, os trabalhadores do barracão, os empregados da casa do patrão, loucos, jagunços, regatões; enfim, diversos tipos sociais que habitam o universo extrativista da borracha.

Classes sociais convergem no cenário que abre a narrativa de “Andirá”. Na luxuosa catedral de São Sebastião, centro de Manaus, trabalhadores pobres e ricas famílias de coronéis da borracha tomam os espaços da assembleia. Coronéis e suas esposas e filhos, donos de casas exportadoras, grandes comerciantes dividem espaço com trabalhadores dos portos, prostitutas, crianças, mendigos e inválidos. A disposição dos presentes na assembleia demonstra a relevância das pessoas na sociedade, representando a hierarquia social de poder. As primeiras filas de bancos são reservadas aos coronéis e donos de casas exportadoras. Os pobres, em sua maioria, se sentam perto das portas ou se encostam em pé nas paredes. A forma como o Monsenhor trata os presentes também nos indica o trato social: “um leve curvar de cabeça aos coronéis [...], fechando o cenho às miseráveis crianças” (JACOB, 2003, p.22). As preces dos ricos, de suas famílias e até dos próprios sacerdotes eram para que as chuvas ininterruptas

daqueles meses cessassem para que a produção da borracha voltasse a pleno ritmo. Os pobres pedem por outras graças mais práticas, como a curas de moléstias que assolavam os segregados das periferias da cidade.

O poder e a moral dos coronéis da borracha na cidade são narrados em diversos momentos. No porto de Manaus, coronel Alírio Feitosa, ao “escapular-se” da igreja, verifica os aviamentos e uma leva de mão de obra que chegara do nordeste. Estando presente em um gaiola que iria para o rio Juruá, escrevera uma carta para o dirigente de seu seringal, Ambrósio Nonato, o que atrasa a partida da embarcação. Mesmo com gritos de protesto de passageiros pelo atraso, o comandante apenas ordena a partida quando o coronel desse a rampa e deixa o gaiola. (JACOB, 2003, p.47).

E é a bordo desse gaiola, “lento e tedioso”, que a narrativa viaja, juntamente com o coronel Tibúrcio Guerreiro, rumo a cidade de São Felipe, no rio Juruá, interior do Amazonas. No caminho a embarcação encosta para carregar lenha. Pouca, de má qualidade e cara, a lenha é embarcada aos protestos do comandante (JACOB, 2003, p.49). O responsável pela mercadoria justifica a situação: a pouca mão de obra disponível para o serviço de corte, devido os trabalhadores preferirem ir para os seringais. Antes da partida da embarcação duas pessoas são assassinadas dentro da embarcação. Zé Paraíba, empregado de Guerreiro, fala ao coronel que um sujeito chamado Zildo Magarefe foi o autor do crime. O coronel avisa Zé Paraíba para dar toda assistência ao assassino, pois precisava “desse cabra. Gente boa não se perde. Tenho um serviço para ele” (JACOB, 2003, p.57).

São Felipe é o palco dos embates políticos eleitorais e dos consequentes conflitos que chegam a ocasionar prisões e assassinatos. Os grupos se dividem entre os apoiadores do coronel Alírio Feitosa e seu filho candidato, Quincas, que por sua vez faziam parte da situação política do governo do estado, e os apoiadores de Tibúrcio Guerreiro, que fazia a oposição governo. O grupo mais expressivo era ligado aos Feitosas, em sua maioria do funcionalismo público de São Felipe. Uma figura importante no meio social da pequena cidade, o sírio Tufi Mohamed, dono do Petra Bar, também apoiava a situação. Seu bar era o principal ponto de socialização dos homens da cidade onde se falava principalmente de política. Não raros eram os momentos de brigas generalizadas em sua propriedade. Começou a vida na região como um regatão e com o tempo conseguiu alugar um ponto e construiu seu bar. Mesmo os estrangeiros não tendo o direito de votar envolviam-se com entusiasmo na defesa do governo e do coronel Alírio Feitosa. Outra figura é o padre da cidade, o alemão Fritz Faber. Embora não admitisse, era notoriamente um defensor dos Feitosas. Usava inclusive suas homilias e

confissões na Igreja para instigar a população da pequena cidade a apoiar a candidatura de Quincas. Também participava de reuniões dos correligionários dos Feitosas.

A oposição, encabeçada por Guerreiro, contava com o apoio da maioria dos restantes dos coronéis da região e alguns poucos funcionários públicos. Durante a maior parte do romance a trama se desenrola com disputa eleitoral, em que em um determinado momento o seringalista coronel Pancrácio Brito, da oposição, é assassinado. A suspeita paira sobre o dono “Andirá”, mas o delegado da cidade, Passidônio Bezerra, que era ligado ao grupo político dos Feitosas, fraudava a investigação. Foi o momento em que o coronel Alírio Feitosa mais sentiu temor com uma possível ação violenta da população de São Felipe, que começava a se manifestar contra o mais poderoso seringalista da região.

Ao final, em uma eleição turbulenta, o pleito foi vencido por Quincas Feitosa. Porém o governo do estado é vencido pela oposição e seu mandato não duraria muito tempo.

No seringal “Andirá” os personagens principais na narrativa são o coronel Feitosa, sua filha Mariazinha; Corina, esposa do coronel; o escrivão do barracão Fabricio; os capangas Francisco Ceará e João Mulato; a matriarca dos Feitosas, Lena, que estava louca; o gerente do seringal Ambrósio Nonato; a criada negra Maria Mulambo; dentre outros além de seringueiros que são assassinados e suas famílias que ficam a mercê do dono do Andirá.

Todos os seringueiros que tentavam sair, seja de maneira justa, com saldo no barracão, ou em fuga durante a noite, não sobreviviam. Outros que faziam negócios com regatões eram severamente punidos. Na narrativa, um seringueiro que trocou uma péla por remédios com um regatão foi pego e preso a um tronco. O coronel Feitosa, mesmo com os apelos do seringueiro afirmando que iria pagar a borracha e que o remédio era para sua filha doente, o torturou com golpes de lâminas de terçado, seguido com golpes de umbigo-de-boi⁸. O sujeito acabou morrendo e o coronel ordenou a Francisco Ceará e João Mulato a enterrarem o falecido aos pés de uma castanheira que lá existia (JACOB, 2003, pp.165-6).

Numa outra passagem, um seringueiro chamado Jerônimo Paca, ao constatar que estava com saldo, manifestou seu desejo de sair do Andirá. Foi ao barracão pedir as contas com o patrão e conversou com Mariazinha. Ao entrar no mato o seringueiro foi atacado e morto a tiros pelos capangas a mando do seringalista. A ordem seguinte do coronel foi que o sujeito fosse enterrado aos pés da mesma castanheira (JACOB, 2003, p.212).

A avó de Mariazinha, Lena, que estava louca, sempre insinuava em forma de cantos insanos a história das atrocidades que sua família fazia aos seringueiros. Também falava sobre

⁸ Cassetete flexível feito de borracha.

como foi o método de posse das terras pertencentes à sua família, com base em muita violência contra os nativos e seringalistas mais pobres da região. Insinuava a maldição que estava na castanheira em que se enterravam os seringueiros assassinados, o que Mariazinha não tinha conhecimento, até o momento em que Fabrício lhe conta toda a história que estava por trás do desenvolvimento do seringal “Andirá” (JACOB, 2003, p.221).

Fabricio, escrivão do barracão do seringal “Andirá”, havia se apaixonado por Mariazinha, que corresponde. Começam a se encontrar às escondidas do pai da namorada. Mesmo Mariazinha insistindo que brigaria com o pai pelo namoro, o rapaz estava com medo das consequências do romance, pois sabia muito bem o que acontece a todos que contrariavam o coronel Alírio Feitosa. Mantiveram seu romance às escondidas, chegando até passarem noites juntos, em que a moça perdera a virgindade. Numa roda de conversa entre seringueiros, um deles afirmou que viu o casal namorando às escondidas nos arredores do seringal. Um dos capangas de Alírio Feitosa deletou o caso ao seringalista. Enfurecido com o ocorrido o pai de Mariazinha manda pegar o seringueiro que espalhou os boatos e atua uma das passagens mais cruéis da obra de Jacob: uma sessão de tortura do seringueiro, pendurado de ponta a cabeça sobre uma bacia. O seringueiro não aguenta aos golpes e corte e também foi enterrado ao pé da castanheira, o cemitério do “Andirá” (JACOB, 2003, pp.193-4).

Ao ser mandada embora às pressas do seringal, juntamente com sua mãe, Mariazinha enfrentou seu pai, o acusando de assassino de seringueiros. Afirmou que sabia da história sombria do “Andirá”. Mariazinha e sua mãe partem no primeiro gaiola que apareceu e Fabricio fica e decide enfrentar a fúria de Feitosa. Encurralado em seus aposentos foi pego pelos dois capangas do seringalista. Fabricio foi amarrado a um tronco no meio do mato e, sob as ordens e olhares do chefe, teve seu órgão sexual mutilado pela peixeira de Francisco Ceará. O rapaz desmaia. Em seguida colocam Fabricio em uma canoa e deixam com que a correnteza o levasse. Foi parar em estado grave, mas vivo, em seringal já próximo à São Felipe. Todos na pequena cidade já sabiam do caso amoroso da filha de Alírio com o seu empregado (JACOB, 2003, pp.239-40).

As suspeitas caíram sobre Alírio e seus capangas. A população ficou indignada com o fato e pediu punição severa ao dono do “Andirá”. Foi no momento em que novos funcionários do novo governo estadual chegaram na pequena cidade, dentre esses um novo delegado e novo juiz. Esse último determinou, estrategicamente, a prisão imediata dos aliados de Alírio Feitoss, que por sua vez, traem o coronel Alírio, ajudando na articulação para a captura do coronel dentro do seringal “Andirá” (JACOB, 2003, p.248).

O coronel Feitosa, após ser capturado, à amostra pelas ruas de São Felipe, foi levado para Manaus. Não demorou por muito tempo preso, porém, com o mercado da borracha em queda, a sua ruína era inevitável (JACOB, 2003, p.254). Com as denúncias de fraude nas eleições de São Felipe, o cargo de Quincas é cassado. Após vender o seu seringal e a maior parte de seus bens, a família Feitosa acaba indo morar em definitivo em Manaus, no seu casarão comprado nos tempos de riqueza da borracha. Entretanto quase não possuíam móveis, que foram vendidos para pagar as dívidas perante os exportadores e casas aviadoras.

Nesse momento a capital da borracha já não era mais a mesma. Os bares e bordéis, antes luxuosos, agora caindo aos pedaços. Antes frequentados pela mais pura e fina flor da elite local, agora frequentados por marinheiros, estivadores, mendigos... os pobres da cidade. O monsenhor da matriz, que antes se vestia com os mais belos e caros tecidos, agora rezava suas missas aos fiapos. Enfim, a Manaus da “Belle Époque” findara com a falência dos seringais.

Alírio Feitosa após uma grave doença, morre solitário em sua cama no casarão, às vésperas do natal do ano de 1919. Mariazinha, mesmo com todas as condições adversas, continuou seu namoro com Fabrício na capital. A última cena retrata os dois, já idosos, no banco da praça da Igreja da matriz, abraçados.

5. O DRAMA HUMANO NO SERINGAL

O romance “Andirá” de Paulo Jacob tem como contexto a crise da borracha e nele encontraremos toda uma gama de situações cômicas, conflitos, paixões e tragédias. Bem representada nessa narrativa está a elite não preocupada com o futuro econômico, iludida com os lucros passados da borracha, e que tardiamente procura saída para a crise. Uma das formas que os seringalistas procuraram para não perder demais suas margens de lucro, frente aos falíveis planos governamentais, foi justamente aumentar a exploração dos seringueiros. A violência é a base dessa economia que foi um marco na transição da Amazônia de moldes coloniais para o mundo pretensamente moderno (SOUZA, 1977). A violência contra a mulher nos seringais também é narrada por Jacob. O autor mostra, através do personagem de Mariazinha, resistência da mulher contra a moral do período retratado.

Enfim, a obra nos indica como se davam as relações socioeconômicas nesse importante momento histórico do desenvolvimento da região. São vários os trechos que poderíamos destacar. A seguir elencamos os temas mapeados para a análise de como estas são retratadas nas linhas e entrelinhas na referida fonte literária.

5.1 Sistema de Aviamento

Foi com base em uma economia em cadeia de dependência do capital estrangeiro que se formou o “sistema de aviamento” na Amazônia. Uma estrutura econômica frágil que no momento em que os agentes estrangeiros retiraram o capital da região e se voltaram para a produção asiática, rápida e gradativamente a economia local foi entrando em declínio (MASCARENHAS, 1999; PRADO; CAPELLATO, 1977; SANTOS, 1980). Esse sistema era o fio condutor de todo o processo econômico. Funcionava da seguinte maneira: as casas aviadoras, financiadas pelo capital estrangeiro, forneciam aos seringalistas mercadorias que abasteceriam os seringais. Esses por sua vez, detinham o monopólio de mercadorias comercializadas dentro dos seringais, o que obrigava os seringueiros a adquirirem essas mercadorias apenas no barracão do patrão. Os seringueiros adquiriam os aviamentos pagando com o látex extraído dos seringais do patrão. Muitos não conseguiam atingir as metas de extração e acumulavam saldos negativos nos barracões, pois precisavam sempre comprar mais mercadorias para sobreviver. Fora que o trabalhador, antes mesmo de chegar na região, já devia ao patrão, pois tinham que pagar os custos da sua viagem e tudo que o mantinha durante o percurso. Essa “dívida”, forjada também através dos preços elevados e na fraude na marcação dos produtos na conta dos seringueiros, mantinham-nos presos ao seringalista.

O látex trocado no barracão era levado para a capital, para as casas aviadoras e exportadoras como pagamento do aviamento fornecido. A borracha por sua vez era enviada para os países industrializados para manufatura. Trechos a seguir registram o tema no “Andirá”:

A lágrima da árvore milagrosa transformando-se em sangue, devastação, escravidão, espoliação, prazeres, luto, riqueza, esplendor, morte de nativos e seringueiros (JACOB, p.36).

Pobre gente! [...] ainda nos portos de partida começava a endividar-se sob as garras dos futuros patrões, [...] negociando com antecedência a sua liberdade, haveres e produtos do trabalho (JACOB, p.36-7).

O coronel, [...] procurava identificar a marca da casa T.C.G. Examinava os fardos, caixas, pacotes, pequenos embrulhos, [...] a certificar-se das condições da embalagem. [...] Deixara de lado as mercadorias. Fora ver os contratados, interrogando, com voz áspera, a Zé Paraíba (JACOB, p.40).

Durante todo o capítulo 10, o narrador descreve como os grandes capitalistas estrangeiros, responsáveis pelo fio condutor do sistema de aviamento, planejam a crise da borracha e conseqüentemente lucrar com ela. Com detalhes Jacob mostra o jogo especulativo que tem como cúmplices os grandes jornais de Manaus.

Posição austera e solene. [O senhor Levi] Falava sobre a situação que se apresentaria em dias próximos. A impossibilidade de controlar os mercados mundiais, a crise a assolar em proporções gravíssimas, deixando em completa ruína o maior produto do Estado. Se eles, os únicos exportadores de borracha, soubessem tirar o máximo de proveito naquela hora, poderiam resguardar os capitais e multiplica-los; do contrario seriam arrastados no mesmo caminho. Em primeiro lugar lançariam nos jornais o descrédito na aceitação da borracha [...]. Então seria fácil adquirir o quilo por baixos preços [...]. Toneladas e toneladas seriam compradas por eles, colocadas em estoque, depois revendidas pelo dobro do valor. Para melhor aparência mandaria vir a Manaus o importante Mr. Brown, ou qualquer outro agente fictício de compradores estrangeiros. Daria entrevista aos jornais fomentando a desvalorização do látex [...] No dia seguinte a imprensa começaria a noticiar a queda, a baixa dos preços. (JACOB, 2003, pp.142-3)

5.2 Exploração de trabalho e violência

O seringal era o núcleo da estrutura socioeconômica da região amazônica na produção gomífera (CAPELATO; PRADO, 1977). O processo de coleta do látex das seringueiras foi o mesmo desde a descoberta dos seus benefícios ainda no início do século XIX e durante todo o ciclo da borracha. Ainda hoje a forma de extração continua essencialmente a mesma. A jornada durava mais de 18 horas diárias, com seringueiros responsáveis por até três estradas de seringueiras. Uma tarefa extremamente exaustiva. O seringalista para manter os trabalhadores ativos, e lucrativos, lançava mão de métodos de exploração para aumentar as suas margens de lucro, que chegavam mesmo a violência física. Estudos feitos durante o século XX relatam técnicas de tortura nos seringais (CAPELATO; PRADO, 1977; SANTOS, 1980; WEINSTEIN, 1993), em que mortes eram recorrentes. Estas estão explicitamente presentes, em várias passagens, nas páginas de “Andirá”. Em uma delas o seringalista ao ver a leva de trabalhadores que havia chegado em Manaus, escolhera quais homens iriam para o trabalho em suas terras: “*nordestinos escolhidos pela aparência física. Muita coisa recordava a época de compra de escravos*” (JACOB, p.36). Em outra, no gaiola a caminho do seringal “Andirá”, durante uma confusão na fila para o café da manhã, o capanga do seringalista já demonstra como será a forma de tratamento dos seringueiros no seringal: “*na terceira (classe), Zé Paraíba impunha disciplina aos contratados, controlando a fila do café*”. (JACOB, p.53).

Jacob também indica a resistência indígena nos seringais e o constante medo dos seringueiros de serem mortos pelos frequentes ataques nas estradas dos seringais:

- A estrada ta perdida patrão. Os índios rodaram lá essa noite. Eu mesmo não vorto por dinheirão nem um.
- Perdida?! Então vocês pensam que tem vontade?
- Eu sei seu coroné! Mas tenho mulher e filhos.

- Não quero saber disso. Voltem ao serviço! Perder a melhor estrada... era só o que faltava (JACOB, 2003, p.72).

Ainda em relação aos indígenas, em uma das passagens é relatado a Mariazinha como fora o processo de acumulação de seringais por parte de sua família e descobre a violenta história de massacres de nativos e expropriação – assassinatos eram frequentes – de terras de seringueiros pobres.

Um seringueiro que era pego ao tentar fugir do seringal devendo no barracão era brutalmente violentado. O patrão era a lei nos seringais. O Estado não se fazia presente, mas por vezes a polícia auxiliava na captura de seringueiros que conseguiam chegar às cidades (CAPELATO; PRADO, 1977). Em outros casos, coronéis entregavam aos seus respectivos patrões os seringueiros que procuravam refúgio nas suas terras. Foi o caso registrado a seguir, em que o coronel Guerreiro, mesmo sendo inimigo de Feitosa, devolve o seringueiro encontrado no seu seringal, e que sofre as consequências da fuga. O trecho narra a técnica de tortura para com os trabalhadores que contrariam o patrão:

Francisco e João Mulato ataram o homem no tronco. Serviço lento. Pouca vontade. Foram um dos bons companheiros de viagem. Chegaram juntos ao Amazonas. Mas se cumpriam ordens, que havia de fazer. [...] Coronel Alírio Feitosa aproximava-se. Primeiras pancadas com a lâmina do terçado. O seringueiro pôs-se a chorar. O rosto sangrava. Deixara o terçado. Prosseguia agora com umbigo-de-boi. Elevava o braço, batera até cansar (JACOB, 2003, pp.165-6).

5.3 Resistência

As formas de resistência não se dão apenas por embates físicos. Toda e qualquer forma de se tirar margens do lucro do seringalista pode ser uma forma de resistência. De fugas de seringueiros, trocas com regatões e mesmo não comprar nos barracões. Os protestos de pessoas da cidade contra a violência dos coronéis, mesmo sob ameaça, também nos são exemplo dessa resistência:

Mês que vem vou me embora. Com a borracha do jeito que tá não se faz dinheiro. Vou pirando enquanto é tempo. Devo ter uns dois contos de saldo. [...]tenho passado muita fome, deixei até de fumar (...) aqui se não fosse matar alguma caça... fome até semanas inteiras. Me aguento na farinha e no café (p.190)

O velho mandante do Andirá, nascido na época da conquista das terras, da matança dos pequenos proprietários, não se acovardaria? Talvez acordasse para a gravidade da situação. O povo, revoltado, atacando a residência de Alarico Machado, com ele lá dentro. Pouca defesa. Não se se sentia seguro como no seringal [...]. Muitos revoltados com o acontecimento (p.107).

Não pretendemos aqui vulgarizar a resistência, esquecendo-se dos feitos revolucionários históricos de trabalhadores organizados que lutaram por uma vida mais digna. Contudo percebemos

que no conflito diário entre capital e trabalho, e nesse caso entre seringueiros e seringalistas, as resistências podem se expressar de formas não orgânicas. Diminuir os lucros do patrão, que dentro dos seringais é o único que tem o direito ao comércio e à acumulação de riquezas, é resistência. Mesmo os seringueiros tendo a plena consciência de que se fossem pegos, e na maioria das vezes eram, sofreriam castigos violentos e mesmo mortais.

5.4 Crise, mercado e políticas protecionistas

Em 1900, a borracha produzida na Ásia entra no mercado internacional, com uma produção ínfima. Capelato e Prado (1977) afirmam que em 1913 a produção asiática ultrapassa a local pela primeira vez. O Estado brasileiro propôs planos de defesa da borracha a partir de 1910, porém todos se mostraram insuficientes e acabaram por se concentrar na economia cafeeira que ainda estava forte no mercado. Na historiografia, 1920 marca o fim do ciclo da borracha na Amazônia, com o a produção do látex das seringueiras plantadas nas colônias inglesas na Ásia, largamente distantes dos indicadores econômicos da produção local:

Dirigiu-se a rua Tenreiro Aranha, entrando na casa Adalbert H. Alden. Falava ao gerente sobre o comércio da goma-elástica, cotação, o custo elevado das mercadorias, da falta de gente para o serviço, preparando o terreno para o aumento do quilo da borracha” (JACOB, p.27).

Caiu o mercado da borracha e os exportadores não querem assumir o compromisso da compra do produto! (JACOB, p.42).

Bares desertos, proprietários abatidos, pouca renda e reduzido número de fregueses. [...] Os mais nervosos, correndo as mãos nos cabelos, só pensavam num sério fracasso. Se tudo fosse mesmo verdade como seria triste ter que fechar as portas, cair na falência, ter que arranjar outro meio de vida (JACOB, p.43).

- Corte os aviamentos seja para seringueiro bom ou ruim. [...] A borracha dessa vez vai as garras, não tem outro jeito. [...] Aprese os seringueiros. Quero enviar a primeira partida nos primeiros dias do próximo mês. Empurro por qualquer preço (JACOB, p.168-9)

Depois de tantos anos de transação com a firma (Adalbert H. Alden), exigiam agora a maior quantidade possível de borracha a fim de cobrir seu débito na casa. E ainda impunham o preço de dois mil-réis no quilo, sem justificativa nem uma (JACOB, p.180).

- O Estado já começou a atrasar o pagamento do funcionalismo público. Só a força policial está em dia. Uma gritaria danada em Manaus (idem)

A perda de espaço no mercado internacional da *hévea brasiliensis* e o fim alta lucratividade da borracha não significaram a extinção da produção nativa. A extração do látex se tornou uma atividade econômica que perdura até hoje. Mas ainda veríamos um segundo ciclo da borracha na região. Durante a segunda guerra mundial, com a produção asiática sendo capturada pelo Japão, Amazônia se torna fornecedora de matéria prima para os Estados Unidos, tendo o “soldado da borracha” como mão de obra.

5.5 Gênero

Durante muito tempo a historiografia tradicional inviabilizou a figura da mulher nos seringais. Quando muito era representada como uma figura secundária na produção da borracha, sofrendo violências morais, físicas e sexuais. Era também tratada até mesmo como mercadoria, em que padrões traziam das capitais para suprir a falta de mulheres. Existem relatos que também eram trocadas entre os seringueiros para, por exemplo, transferência de dívidas nos barracões.

Na passagem a seguir mostra o desespero da mulher de um seringueiro assassinado pelo patrão, em que ela se vê sem saída a não ser se entregar aos desejos do seringalista para não ser violentada pelos seringueiros da região:

Três homens parados na porta. Deixa eu ouvir direito: “... o marido agora sou eu. Viúva não tem dono” [...]. A grossa cabocla mostrou-se indiferente. O coronel queria, sabia disso. O que poderia fazer? Necessitava do auxílio dele. Sem conta com o velho muito pior. A casa invadida dia e noite por seringueiros. Sozinha tinha de entregar-se. Como mulher do coronel, passavam longe [...]. A mulher lagrimou, não se sabe porquê. Levantou-se. Baixou o vestido, desconfiada. Pediu ao novo amante:

- seu coronel, o senhor não se esqueça de mandar um ranchinho. Tou sem nada.
- Mando sim. João Mulato vem trazer. Mas olha lá, é só comigo... (JACOB. 2003, p.197-8).

No trecho a seguir mostra como a mulher negra, descendente de escravos, era retratada dentro do seringal com a ausência de mulheres. Fabricio mantinha relações sexuais frequentes com a criada negra Maria Molambo, mas após o início do romance com Mariazinha, a filha do coronel do Andirá, queria evitar:

Cabocla confiada! Não enxerga seu lugar de cria de casa, de empregadinha! Fora culpado. Diabo de falta de mulher no Andirá... Quantas vezes ele a jogara no chão, tirando prazer no corpo mal lavado da cabocla. Agora tinha que se atar [...] Expunha-o ao ridículo fazendo gestos disfarçados na frente do patrão [...] E se Mariazinha viesse a saber? Que vergonha! Como tivera estomago para gozar aquela mulher tão suja? [...] Quando terminara tinha nojo, empurrava a cabocla. Mas dia menos dias lá estava no mesmo lugar, com a mesma vontade [...]. Fedorenta ou não, em todo caso era mulher. Para seringueiro muito pior: servia-se da Burra Cheirosa. (JACOB, 2003, p.90).

Destaque também para personagem Mariazinha, a filha do seringalista dono do seringal Andirá. A partir do momento em que surge na trama, se torna a protagonista ao enfrentar os ideais conservadores de sua família e a ira de seu pai. Mesmo com o seu

namorado sendo violentamente espancado e castrado pelo seu pai e capangas, Mariazinha continuou seu caso com o Fabricio. E como a narrativa mostra, ficaram juntos até a velhice.

Em um período da historiografia tradicional em que as vozes das mulheres dos seringais eram silenciadas, Jacob (2003) traz na sua literatura mulheres que, mesmo sofrendo a violência que cerca os seringais, resistem às adversidades. A partir dos anos de 1980, através dos estudos antropológicos, essa perspectiva de subalternização da mulher começou a se transformar. Os trabalhos de Simonian (1995) e Wolff (1999; 2001) são fundamentais dentro da historiografia sobre a Amazônia e quebram o paradigma da mulher apenas como ser passivo e oprimido nas relações sociais no universo dos seringais. Além disso, as referidas pesquisadoras nos mostram o papel crucial da mulher seringueira para a continuidade da produção sustentável do látex após as crises econômicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fonte literária, em especial essa que tem como pano de fundo um determinado período histórico importante da história regional, se mostra muito rica para a historiografia, com várias possibilidades de aprofundamento. As obras de escritores pouco pesquisados na academia, como é o caso de Paulo Jacob, podem ser reveladoras de intelectuais que, de certa maneira, destoam das tendências de sua geração. “Andirá” publicado em 1969, mostra pontos de vista de excluídos do capital, protagonizando tipos sociais do universo dos seringais que até então eram apenas coadjuvantes. Também vemos como uma obra literária pode ser repleta de dados relevantes de um período, sem perder a característica literária. Jacob trabalha muito bem dados econômicos sobre a borracha para embasar o temor dos seringalistas e o consequente endurecimento na exploração do seringueiro. Os temas que mapeamos para as referidas análises nos são caminhos possíveis para pesquisas historiográficas sobre a Amazônia em fontes literárias e também para o professor de história trabalhar em sala de aula.

Jacob, mesmo sendo um desembargador e membro de uma elite local, trata os temas com um tom de denúncia nas páginas do romance. É no mínimo curioso pensar que em pleno ápice do regime militar obras como a sua passaram pelo crivo do sensor. Assim como Jacob, existem muitos outros escritores da região que precisam ser descobertos, ou redescobertos, e valorizados. Pois eles podem ser fontes importantes para pesquisarmos a história da Amazônia, com o nosso próprio olhar.

REFERÊNCIAS

- BENTES, Arão do Nascimento. **Chuva branca caía em chão de Maiconã**: a trilogia de Paulo Jacob. Dissertação (Mestrado em Letras). Manaus: Universidade do Estado do Amazonas- UEA, 2015.
- DAOU, Ana Maria. **A belle époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 3. ed. 2004.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. **A ilusão do Fausto**. Manaus: Editora Valer. 1999.
- FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013. pp. 61-91.
- GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- JACOB, Paulo. **Andirá**. Manaus: Secretaria de Estado da Cultura, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.
- LEANDRO, Rafael Voigt. **Os ciclos ficcionais da borracha e a formação de um memorial literário da Amazônia**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília para obtenção do título de Doutor em Literatura Brasileira, 2014.
- MENEZES, Armando de. **Em memória de Paulo Jacob**. Manaus: Edições da Academia, 2004.
- PRADO, Maria Ligia; CAPELATO, Maria Helena R. A Borracha na Economia Brasileira da Primeira Republica. In: FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III - O Brasil Republicano (1889-1930). São Paulo: Difel. 1977.
- Revista da Academia Amazonense de Letras**. Ano LXVIII, Nº 21. Manaus: Editora da Academia, 1992.
- Revista da Academia Amazonense de Letras**. Ano LXV, Nº 29. Manaus: Editora da Academia, 1983.
- SANTOS, Roberto de Araújo de Oliveira. **História Econômica da Amazônia**. São Paulo: T. A. Queiroz. 1980.
- SHARP, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org). **A Escrita da História**: Novas Perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- SIMONIAM, Ligia T. L. Mulheres seringueiras na Amazônia brasileira: uma vida de trabalho silenciado. In: ALVARES, Maria Luzia Miranda; D'INCAO, Maria Angela (orgs.). **A Mulher Existe?** Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. Belém: GEPEM/Museu Goeldi/ CNPq, 1995. p.97-116.

SOUZA, Jamescley Almeida de. **CHUVA BRANCA**: rastreando a biblioteca amazônica em um romance de Paulo Jacob. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), para obtenção do título de Mestre em Letras, na área de Estudos Literários, 2016.

SOUZA, Jamesclay Almeida de. **Paulo Jacob**: uma fortuna crítica. Disponível em: <http://oguari.blogspot.com/p/paulo-jacob-uma-fortuna-critica.html>. Acesso em 14 de jan. de 2019, às 10:11h.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense**: do colonialismo ao neocolonialismo. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusão do progresso. IN: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 7-37.

THOMPSON, E. P. A história vista de baixo. In: THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Antônio Luigi Negro e Sergio Silva (orgs.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da floresta**: uma história. Alto Juruá, Acre (1890-1945). São Paulo: Hucitec, 1999.